TEORIA DO MOVIMENTO

JORGE VICENTE

Jorge Vicente nasceu em 1974, em Lisboa, e desde cedo se interessou por poesia. Com Mestrado em Ciências Documentais e em processo de formação na Escola de Biodanza de Portugal, tem poemas publicados em diversas antologias literárias e revistas, participando, igualmente, nas listas de discussão Encontro de Escritas, Amante das Leituras e CantOrfeu. Faz parte da direcção editorial da revista online Incomunidade.

O seu primeiro livro de poesia, *Ascensão do Fogo*, foi publicado em 2008, sendo seguido por *Hierofania dos Dedos*, editado sob a chancela da Temas Originais, em 2009.

Contacto:
teoriadomovimento@gmail.com

TEORIA DO MOVIMENTO

JORGE VICENTE

em memória de rolando toro araneda (1924-2010)

Teoria do Movimento | Jorge Vicente
Edição de autor | 2014
teoriadomovimento@gmail.com

1ª edição
Capa: ilustração de José Neves

Impressão: Finepaper, Lda | Lisboa
Depósito Legal: 372640/14
ISBN: 978-989-20-4635

"Camerado! This is no book;
Who touches this, touches a man"

(Walt Whitman)

I.

AUTO-POIESIS

1.

sei que as mãos se mantêm
no mesmo lugar subliminar,
adiante das palavras e mais perto
do poema que gira

sei que há uma árvore
e que existem troncos que dizem da
árvore [dizer é caminhar incólume
entre os versos]

sei que há palavras,
mas não digo delas
senão para decifrar
que tudo o que escreve morre cedo.

2.

as coisas valem de si próprias
sem as palavras

e mesmo se palavras existirem,
serão essas palavras o poema
ou as coisas ou a representação
na caneta do que existe no humano?

uma coisa é uma palavra
e uma pedra toda a linguagem,
mesmo que a linguagem não diga
da caneta nem da folha de papel
em branco

o poema são todas as pedras
e todas as formas e tudo o
que de visceral existe

assim, sem metáforas,
no grito primordial da
vivência.

3.

poderás ter a experiência da carne,
mas apenas tens o chamamento da
palavra viva,

aquela que, de artéria em artéria,
vai construíndo o ramal das sílabas:
ordem geométrica do sangue.

a experiência chama
e o oceano transforma,
trazendo o poema de volta
à sua raiz de árvores:

ao cimo do vento
e abaixo da copa dos dedos.

4.

hoje escrevo
e há um rebentamento dentro da pele

sílabas formando-se
amanhecendo o sangue
retocando o sangue
recriando-o dentro
de uma nova linguagem

as palavras só podem ser iguais
aos pássaros e iguais a todas as
coisas:
são reais, podem tocar-se com os
dedos, podem subverter, caminhar
entre os bisontes

[se ainda houver animais que possam
amanhecer de terra escura]

as palavras não são as palavras
não se encontram dentro dos livros
senão no ritmo cenestésico de braços
e pernas, órgãos vitais, força
ígnea do corpo

as palavras não lembram
nem têm a presciência dos mundos
apenas o assombro, claro e cintilante,
do que pode ser agora.

5.

a língua lembra e purifica. mas não diz dos orgasmos, da pequena sombra plantada junto à árvore branca. não diz do corpo quando se toma de decadência e horror ao esplendor. não diz dos silêncios que não são silêncios. [debaixo da raíz, apenas fico eu e um enorme deserto vermelho]. a língua não diz da semente e da grande voz que alcança. do inverno, da ânsia das flores, do pecado que aberto é à vida e ao desarranjo dos olhos. a língua não pode suportar pernas, braços, sexo, liberdade de sentir e entregar-se ao chão. a língua abre-se e encolhe, escolhe as vontades, escolhe as sílabas certas, o modo único de dizer o nomeado.

o inominado tem um pecado único: não suporta a fala e diz que o poema é uma cobra gigante, plantada na base do sexo. o resto são as pernas e o que fica entregue no acto da raíz.

6.

destrói o poema
aniquila toda e qualquer possibilidade
do livro transpirar palavras

o poema não foi feito
para a estante desarrumada,
para os limites que as páginas impõem
à memória

constrói uma nova realidade,
em que as coisas sejam apenas coisas,
em que as palavras não representem,
nem tenham significados nem conceitos

explora do corpo o seu devir
explora da vivência a tua memória
e do saber oceânico da pele

o teu antro de sílabas.

7.

no poema posso escrever: o dia está claro
as nuvens sangram
[mesmo que de sangue não sejam as palavras]

no poema, posso subverter toda a ordem do vivente
imaginar como a pele seria
se eu fosse outro [e não o meu próprio corpo]

no poema, posso admirar a morte,
reinar por entre os homens
e assumir a distância que me aproxima
da violência

no poema, posso dizer a vida é nada
o poema é tudo
[e o que restar, os críticos explicam]

no poema, assumo sempre a ilusão
de que uma casa
pode ser o lugar dos olhos

mas não digo.
prefiro que a pele transmita
e que o poema seja apenas o
último lugar da verdade.

8.

(para a alela diane)

procuro o lugar da palavra
mais do que o lugar da neve
e, nesse lugar, dedos colidem
invocando o poder

o poder absoluto, a abertura das mãos,
das vozes interiores

dentro da floresta, não há casas
nem estrelas subliminares que oscilem
entre o verso e a casa:

a invocação apenas
o sexo do coiote
e dos animais da noite
a trepar por toda a linguagem.

9.

se alguém disser que as palavras ascendem,
então é porque ascendem,
porque um corpo na sua vibração centenária
ouviu o grito da cidade
e abriu as palavras ao meio

se alguém disser que uma dimensão metafórica
foge, então é porque foge
porque no centro dos dedos está apenas a dimensão
humana, centenária
e plena do vivente
que se revela na roda[1]

[o poder arquetípico do corpo].

1 roda: *ronda* em espanhol. círculo de mãos unidas.

10.

em que tom lastimoso anuncia a língua
o seu porvir
o seu encadeamento de sons e afectos
e carnes e tons
lacerantes de vida

em que passado ou futuro o poeta vive
mesmo sabendo que a língua
é ilusão do corpo, o sublime silêncio em
que nos permitimos inventar
tudo o que não podemos inventar porque
real não é, porque apenas
língua do inconsciente de todos nós,
arquétipos de fogo

em que presente o tempo não é
porque submisso à vivência,
à ordem celular do vivo
e ao homem incandescente de si-mesmo.

11.

porque escrever o não real
o que escapa ao limite do humano
o que escapa ao limite das coisas,
mesmo que a palavra peça
e que ouse pela vida

[a vida das palavras, não a minha]

porque escrever que limitar é certo
que a força do papel é a mais grandiosa,
mais potente que a força do amor
ou da vida
ou do tempo-não-tempo da vivência

porque dizer: a linguagem fere
sem dizer
a linguagem é a vida de todos nós
não a dos outros, daqueles que não são
da carne, mas da simulação

porque, afinal de contas,
simular é assassinar dos dedos e das mãos.

12.

em requiem despeço
o alongar triste das palavras

para me poder verter ao sol
num súbito amor pelas coisas,
pelos objectos que não são do pensamento
nem da memória nem de nada
que possa ser percebido
pelas vagas inertes
do humano

mais do que o círculo concêntrico,
há o círculo que nasce do vivo,
do tempo claro sem foz,
do tempo que não foge
e é hoje

no dom da escrita sem dedos.

13.

o poema é um estremecimento
abre-se com o corpo todo
[o fulgor] a vivência absoluta
que rompe com o tempo da história
e dos homens

nada do que é material faz sentido
agora, ou faz todo o sentido
porque a temporalidade é uma
assassina voraz do corpo [aberto]
da linguagem

nada do que é vivo
pode amar a história e pode suportar
a fala

a roda é um estremecimento
descansando na lágrima
do poema maior:

o nosso.

14.

"tudo o que é sólido se desfaz no ar" (karl marx)

tudo o que é sólido se desmancha no chão
abrindo do sexo o som inaudito
surgindo [fazendo surgir] resplandecendo
do corpo a subtil palavra
que antes representava a realidade

tudo o que é sólido se amanhece
no chão sempre chuvoso
tocando, deixando tocar
deserdando no amanhecido grito
o som do poema de carne

tudo o que é sólido se realiza no canto
o humano, o vivo
os dedos aspirando e recebendo
o som [dionisos] longe longe
de tudo o que a humana razão
compreende.

15.

sou da casa
um verso-língua surgido no círculo dos dedos,
uma apoteose orgânica de ser
e sentir

o poema-árvore descendo
de encontro às veias, abrindo
e iluminando todas as paredes
dessa casa sem fim

sou deste mundo
e não de outro,

o mundo dos homens
e da matéria que anima o mundo

o poema é só um
e sai da roda
como o vivo sai das leis
orgânicas da pele.

tudo reside em tudo
e da lágrima apenas sai
o poema nascente da
vivência.

16.

existe apenas um lugar físico
onde as palavras entram:
o universo material de um poema

e chamaremos poema
às garras que se alimentam de mantras
escuros,
sem vertigem

[ou com um abismo cintilando das palavras]

e chamaremos a essas palavras
o dom indómito da pulsão viva,
do sangue que descende do palco
até ao chão,

recriando o universo da linguagem
até às escamas do mais
baixo ser das águas.

17.

respiro
respiro da génese do meu sexo
de dentro,

o único lugar onde pode nascer
a linguagem,
o falo do humano abrindo e cindindo
o tempo dos versos

e não há tempo dentro do poema,
apenas a carne exposta
os últimos vestígios de flores faunas
animais,
sons de selva
dizendo da invenção dos deuses.

18.

partilho contigo o poema. o poema que não tem casa, que não tem as costas dobradas para sentir no ímpeto dos versos a dobra súbita da terra.

e o vento ouve-se, alça-se entre os limites surdos das sílabas até se transformar num trono gigante. ou numa profunda certeza que antecede a origem do som, do om, das sílabas e do marulhar das águas quando o rio alcança as pedras que se encurtam [cada palavra mais, cada tempo mais]

é estranho, mas os animais aprenderam a soletrar os versos mais cedo do que a existência das palavras. e aprenderam que o tempo é uma ilusão de sílabas, simulação de vida, apagão no espaço. aprenderam a origem da palavra vivência ainda antes do tempo existir. e é deles o grito surdo que antecede o tigre, a cobra, o poder da garça e o olhar [vivo] do hipópotamo. e é deles a origem do chão, da terra-mátria, do lento encobrimento do olhar duplo [único] do corpo.

é estranho, mas o verso promete de todo o tempo que eu vivo.

19.

eu haverei de chamar a vasta vida
e erguer do rodopio dos meus dedos
um som assente nas vértebras e nos
ossos da pele interior

eu haverei de chamar
e erguer-me acima dos versos
tocar o corpo e a sílaba longa
- o proto-poema que descendo
penetra as montanhas e as vaza
de todo e qualquer sentido

eu haverei de sublimar
e ascender à condição de animal

[lobo, águia com asas de xisto
cavalos que penetrem casas
e se alimentem do xaile das mães]

eu haverei de descender do humano
e alimentar-me apenas do corpo
descobrir uma nova linguagem
que diga-contradiga
que o círculo nunca se apaga

apenas se reverdece
no sexo sagrado
do chão.

20.

"o poema é o búzio da tribo"
(xavier zarco)

o poema é uma voz insurgente
aberta apenas pelo poder dos pés,
abrindo cordilheiras [sulcos]
no solo alimentado de raízes

um pouco do gesto tribal
renunciador do sentido
e criador da ordem do vivo,
abrindo do deus o seu poder
transcendente
e convidando-o a descer às águas,
ao corpo-feto da vida

é nessa alegoria-voz
que pode nascer o poder
indivisível do mosto:
o caminhar entre iguais
alimentando das águas
as sílabas anunciadoras
de um novo corpo.

21.

o poema carrega na voz de dentro
o devir das mãos ainda ausentes
como se não houvesse [nem pudesse
haver] uma extensão máxima entre
o corpo e o mundo

o poema surge na voz de dentro
num ritmo sigiloso de deuses cenestésicos
olhando, admirando, mas sentindo
medo que o corpo se quebre
no olhar das mãos

o poema foge da voz de dentro
dizendo à palavra que se afaste
e abrindo o corpo ao mundo,
numa ânsia frenética de
ritmos e silêncios

[animais rondando o génito
sagrado].

22.

o poema não se resume à ontologia fundamental
da descoberta do ser,
nem ao lento encobrimento da espécie que a todos
rege,
[o humano]

o poema não é um acréscimo de linguagem,
vida sem vida
e vida apenas nas palavras

o poema não é no sopro da metáfora,
ordem sigilosa de sentido
sentindo que a carne não vacila
[no íntase seguro de mim mesmo]

o poema não é nas folhas
nem no caule de árvores mortas,
soprando na giesta de poetas
amanhecentes apenas de vácuo

o poema não é a realidade dos outros
senão a vivência sem fim do corpo,
o corpo que é em mim
e que se escreve no suplantar
das veias.

23.

talvez escrever
seja ascender um pouco mais na minha
condição de humano

digo ascender
porque não posso dizer entregar
o corpo ainda não me permite

ainda se sustém
no ritmo das sílabas
na junção de cada uma das palavras,
no encadeamento subtil
de cada respiração
que leva a outra e a outra e a todos os
caules das árvores abertas
ou por abrir

talvez ascender
demore a conjugação do corpo
com o sexo aberto das árvores

e não permita a vivência
e o sentir desmesurado de
ser-se
presente na nascência das folhas.

24.

"A vida quer-se pulsante, exposta, brutal até.
Tudo o resto é thanatos, tudo o resto é morte.
Não É."
José Neves[2]

pediram que a minha escrita se revelasse
que, num assombro de sílabas,
abrisse os olhos e dissesse:
este o corpo que vês
esta a gradual intensidade de uma ave que voa,
esta a secreta esperança de uma vida
que se quer sem morte

pediram que no dom po(i)ético de existir,
a escrita se descobrisse num lugar entre mãos,
entre rostos humanos,
entre ordem, entre caos,
entre luz e entre a sombra daquela casa,
com os corpos habitantes e a voz sempre viva

pediram que a morte fosse um dom da vida
e que depois do júbilo da criança,
a abertura ao mundo fosse mais fácil:
o Aberto esteve sempre aqui,
no lugar mais belo das folhas,
na lembrança segura das árvores,

2 NEVES, José – *Leva-me comigo*. Porto: Papiro, 2011. p. 34.

com a vivência de ter sido
com a vivência do que será,

abrindo e rompendo
numa cenestesia perfeita de corpos.

25.

(para rolando toro)

pergunto-te, meu caro amigo andino,
se os rios que vês e tocas sentem nas
suas águas o poder imanente de um sexo
abrindo versos,

se o teu grito [ou canto]
é matéria de todas as árvores
de todas as plantas rastejantes
de todos os animais ardendo no cio
de mil e uma lágrimas
de vida

pergunto-te, meu belo amigo andino,
se o condor se alça
nas ruas centenárias de santiago
emprestando a dança
aos homens subindo do chão
e esquecendo que o paraíso
se faz entre raízes, águas
e ardências vivas sem tempo

pergunto-te e alcanço as tuas
asas para que o paraíso possa
ser sem céu e que os poemas
deixem de ser escritos,

senão no espaço presente

de uma génese de corpos
imaculados.

II.

CORPO CONTÍNUO

1.

é porque o corpo
na sua luminosidade vegetal
abre um contínuo de formas e
crepúsculos,

é porque os dedos,
singrantes no desejo solar,
se abrem e se fecham
num ritmo de flores,

é porque braços, pernas,
sexo aberto ao mundo,
se despenham
numa fundura de versos,

é porque não há linguagem
e porque temos a voz
dos cometas

que nunca nada termina

[nem o corpo
no infausto desejo da nespereira].

2.

o corpo é claro,
de uma transparente sublimação
de gestos

abrindo
fechando
sustendo a respiração

[ou dizendo ao poema
que as palavras
só amanhecem

quando tocam o Outro].

3.

pergunto-me se o corpo tem uma dimensão etérea. ou espiritual. ou se são os antigos, na orla das casas, a juntar as migalhas todas dos ossos. pergunto-me se esse corpo poderá ser contínuo, como o é todo o poema no seu natural esplendor de palavra incriada. ou se esses ossos, transparentes, nunca podem estar juntos, unidos.

ou então a pergunta foi mal formulada [o céu responde]
ou então a palavra não é o que é [o corpo diz]

e, como numa voz, a pele assimila a dimensão gregária, a dimensão do corpo unido, roda de partículas e de pós elementais, anjos de foz a juntarem águas para que a vida possa ser a vida de todos [e não apenas do céu branco]

pergunto-me se existe palavra para além do corpo ou se o saber originário diz que não interessa nada a origem, apenas o momento presente do paraíso. pergunto-me se o corpo se fecha e se abre. se as plantas e os animais têm íntase ou êxtase tal como nós e se o amor que nos responde não é o amor dos homens

mas das plantas ou dos animais
o lugar do génito na sombra
ascética do céu.

4.

onde está o poder das mãos,
amanhecentes na continuidade
das vértebras - ossos de
cintilação, corpo apenas, sem linguagem
que interpele o pensar dos
versos

onde estão todas as mãos,
numa voz que apela ao indiferenciado
- eu sou o lugar perante o
prado verde e onde o humano
vive, numa génese que
não pressente,
apenas ilumina

onde está a pedra andina
que jura de si mesma e do
círculo das coisas vivas,
a pedra que despe, é
e que tem o poder de chamar
as coisas

pelo seu grito genético
primordial

o apelo incondicional do deus antigo
que [dizem] olhava os homens
do alto da pélvis.

5.

nunca fales no exílio
na pedra in-disposta
perante o olhar branco
de quem a colocou
perante o corpo

há só um lugar assumido:
paraíso seiva-geradora-de-
tempestades,
o agora tempo
o agora olhar de início,

na vida de todos nós
na vida sempre vida
que é a matéria de toda
a linguagem

[mesmo que dela
se aproxime o inumano].

6.

quando sinto nostalgia das palavras

[e as palavras ferem]

entrego o meu corpo à lama da terra,

o mesmo vácuo entre as entranhas
e o sabor da água que se bebe
de cima para baixo

há uma pintura que se alimenta
de um vaso de pele,
há um rio que corre,
dedos que desenham círculos
como que imaginando que a terra-argila
[ou lama libidinal]
desenha os gritos dos animais
na noite fértil da floresta

não há lugar para o conhecimento humano
nem para escrever

apenas um tronco envolve
o imenso bosque de
desejo - ascese.

7.

o corpo novo vive em permanência
no luar contínuo
do sexo de amanhecer.

8.

é no colo das folhas que a mãe
recebe o filho,
um braço numa pequena reentrância de pele,
o olhar abrindo os olhos

e indo mais além
que o caminhar do animal temeroso,
que se aventura no largar
das couraças

e de mil séculos de abandono.

9.

numa junção de mãos
o corpo ousa,
transmite a verdade do
corpo contínuo, que ascende dos nervos
ao topo da pélvis

e das mãos
há um movimento de barro
para a pele dos animais

poema-vivo-ardência-dentro,

orgasmo sem palavras,
de quem se despe
do tempo cronológico
dos humanos.

10.

podemos ter o peso da responsabilidade nos ombros,
mas os ombros apenas sustêm o corpo,
essa massa móvel que assenta
nas estruturas invioláveis da vida

e podemos pensar que esse peso
representa o poder sobre a terra,
alimentando a linguagem
e o tempo cronológico dos bichos

e podemos pensar (ou sentir)
que esse tempo é sem vivência
sem uma ordem celular
que viva ou faça viver
os tons salientes da pele

ou podemos pensar
que o sexo não existe
que a cobra milenar
nunca viveu nas mitologias antigas
nem dominou as partes baixas
do nosso corpo

podemos pensar e sentir
que não existe vida nem fulgor
nem vivência debaixo dos
pés onde assentamos a nossa história,

mas nada do que pensamos interessa

quando os animais gritam e clamam
pelo nosso renascimento.

11.

e esse corpo abriu-se de repente, servindo-se das fracturas da palavra
e das raízes que incidiam sob o peso das pernas.

e esse corpo abriu cordilheiras entre a lama girando, fazendo girar o
eixo da pélvis e destruindo todos os chamamentos do
poema que fechado era ao ritmo descendente
e contínuo das águas.

12.

todo o corpo é aberto ao sentido,
à vértebra saliente,
ao espaço de religação entre
o que é nosso e o que
vive no indiferenciado

todo o corpo
tem um sentido ausente-
de-si-mesmo,
um momento na criação,
um nome subtraído na
génese de todos os sexos

todo o corpo vive e é separado,
sustém a respiração,
se alimenta do caule da flor
mesmo quando ela expande
o seu ritmo arenoso de palavras.

13.

mais do que o poema contínuo,
importa sentir o corpo contínuo,
esse corpo indiferenciado onde não existe justaposição
entre o ser-árvore
e o ser parte integrante de uma espécie

esse corpo é um ninho,
tem a forma das raízes que vibram
e se indiferenciam nos seus ramos,
tem a forma de um nome que sabe soletrar
e dizer do espaço radioso entre as vogais

o humano
[ou o modo diferente de ver o Rosto]
alimenta-se numa foz inconstante
de respirações e contracções musculares,
torna-se no ninho
ou no todo que continua agarrado à vida

mas mais do que esse corpo,
importa sentir o intenso dessa árvore
e o modo constante / utópico
de tocar o diverso planar das folhas/aves,
abertas para o além de
toda a espécie.

14.

é preciso caminhar entre os vivos
e construir o paraíso na terra
- Aqui e Agora -

é preciso que esse Aberto
chame e estremeça do dentro
de todas as espécies

é preciso que palavras sejam ditas
sem simulação
chamando a vida do Fora

para o aconchego da árvore

é preciso que o grito renasça
o grito - o chamariz do Primordial
no grau zero da linguagem

é preciso amar quem nos vê
e toca
num círculo entre mãos

Abertas de nós e do outro

é preciso que a ave transporte
que o tempo deixe de ser
para que o corpo possa viver

na continuidade de tudo o que abrimos.

15.

estou presente em todos os lugares
na voz minha
na voz de todos
no texto que o corpo singrante desfaz

estou presente nesse corpo

que aumenta
reduz,
abre-se de forma contínua
e viva
entre os espaços

[frechas lembrando
artérias de anjos ou matéria libidinal

sem forma]

durmo
recebo
olho os olhos de quem me ama
sorrio e sinto-me uno na roda
entro em sintonia com o prazer
do lobo,
desfaço os nós da árvore
mesmo
que o prazer das folhas
seja cair e cair
e misturar-se no primordial

ouço o que a voz tem para me oferecer
alimento
desejo-me
tenho medo dessa voz
ou desse corpo

porque, no final do dia,
sei que escrever é um passo para a morte
uma morte alimentando
o rio que me ressuscita.

16.

para que o corpo possa abrigar o vasto,
ressuscitando-se,
abrindo-se,
tornando-se dois, três, uma
infinidade de pequenos corpos
ou pequenas promessas de ser,

para que esse vasto
se revele imanente e abra o infinito
de cada raiz, de cada pequeno ser,
de cada pequeno olhar
aberto ao mundo,

para que esse corpo e esse vasto
desalinhem e tornem a criar,
numa criação real, vivente, sem linguagem
e com a memória viva
de um corpo sem espaços

necessária se torna
a promessa incondicional
de um sexo indiferenciado,
sem lugar absoluto
no seio da criação.

17.

pela linearidade da palavra,
assumimos que o corpo deve ter as suas formas fixas,
com hierarquias entre o que se move [dos pés]
e o que se chama [por cima dos pássaros]

pela estrutura rítmica,
assumimos que o mundo só pode ser dito
quando o poema
transforma o sentido originário
da vivência
num *corpus* de texto

pelo *corpus* [ou pela palavra]
juntamos todo o poder dos humanos
e toda a temporalidade da história
e morremos mais um pouco
- sem esse corpo que se olha e se acaricia -

pela voz morremos
e pelo olhar voltamos a nascer
quando o rosto que é defronte
sabe sem saber
que não vale a pena Dizer.

18.

procura e encontrarás
o grande ser vegetal
que te move debaixo dos pés
e que te impele
na sensação única de estar vivo

desmancha e chamarás
o que de ti for em potência
e em pleno sentido de missão

aberto
numa constância
de corpos e
afectos

em contínuo devir

e em plena
simbiose
de espécies.

19.

há um sereno ritual que fica
no lugar das palavras, que as
substitui, destrói, acaba

há uma serena voz
(que não é voz)
que olha e explora para
além dos sentidos do
corpo

o corpo é tudo
a pronúncia das sílabas
nada,

o olhar pelo olhar do outro,
sem que as pausas ou as semínimas
ou os ritmos de betão sejam
mais do que ritmos imaginários

o corpo é tudo,
o poema mais do que as palavras

só pode ser assim
e só pode existir o rio
como existem as mãos que
tocam esse rio

tudo se sobrepõe ao papel,
nada ao olhar animal de quem se
derrete no cálido amanhecer dos dedos.

20.

apenas vejo a vida,
o corpo-árvore na génese
da imensa comunidade humana,

a comunidade sempre viva
a comunidade por haver
e que sempre houve

na mais baixa [e na mais alta]
ternura das folhas.